

# Militante da arte e das letras

**Morto aos 41 anos de enfarte, o fotógrafo André Luís Papi fazia parte da geração romântica de maio de 68**

Graça Neiva

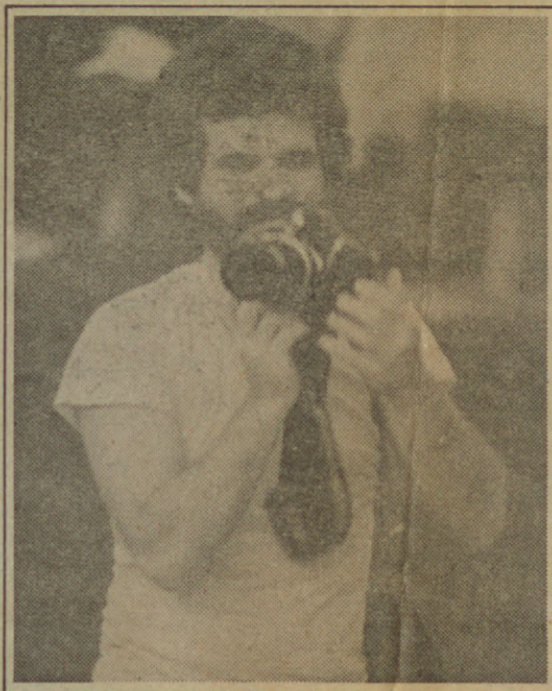


No domingo, 21/07/91, faleceu prematuramente o fotógrafo de imprensa e publicidade e editor André Luís Papi. Seus inúmeros amigos, ainda perplexos, se perguntam: Mas é mesmo o Papi? O ruivinho?

Aos 41 anos, cheio de planos para a empresa que fundou com a esposa Ísis, a *Letra e Imagem*, foi traído por seu boníssimo coração. Papi, militante estudantil da geração 68, abandonou o curso de Biologia Marinha e caiu na clandestinidade. Quando voltou a circular, após a Anistia, já estava irremediavelmente apaixonado pela fotografia. Foi nesta época que nos conhecemos na extinta revista *Arte Hoje*. Alguns bons trabalhos jornalísticos e certamente ótimos momentos para a nossa florescente amizade estão registrados nas páginas da *Arte Hoje*. Não esqueci, por exemplo, as inúmeras tardes passadas na casa, em Santa Tereza, de Djanira, a grande dama da pintura brasileira. Papi teve a honra de fotografar todo o acervo

pessoal da pintora que nos mirava com cafezinhos e sucos de frutas exóticas. Ele se atrapalhava tanto com uns guarda-chuvas prateados que havia pedido emprestado a um outro fotógrafo de publicidade que foi preciso que a própria Djanira desse uma mãozinha. Mas o resultado final foi excelente. Relembro com saudades aqueles tempos em que vivíamos em dupla nos santuários de pintores brasileiros. Do atelier de Iberê Camargo. Das entrevistas com Rubens Gerchman, então diretor do Parque Lage em seu melhor período. Do MAM pegan-

□ Graça Neiva é jornalista e proprietária da Livraria Dazibao-Ipanema



Papi reeditou em fac-símile O Almanaque do Barão de Itararé, de 1955

do fogo e da nossa tristeza diante da *Mlle. Pogany*, de Branusi, toda chamuscada. Essa peça, inclusive, tornou-se capa do número 14 da revista, em agosto de 1978, através da lente do Papi.

Recentemente, na sua própria empresa, André Papi fotografou e editou alguns livros como *Portas do Paraibuna*, com textos selecionados de Murilo Mendes e Pedro Nava, e *Arte indígena brasileira — Uma amostra*, projeto financiado pela PFAFF do Brasil. Com o irmão Sérgio e uma pequena equipe, produziu um trabalho oportuno e de excelente nível gráfico, *O Almanaque do Barão de Itararé, de 1955*, em edição fac-similada, lançado no mercado há um ano e já em segunda edição.

O Papi militante também continuava na ativa. Há alguns anos, ele recolhia freneticamente contribuições para que a brasileira Flávia Shilling fosse solta no Uruguai. Nos últimos tempos, tornou-se uma espécie de assessor informal

do CEAP — Centro de Atendimento às Populações Marginalizadas —, que desenvolvia atividades políticas visando aos menores abandonados. Um primeiro número da revista deste movimento teve a produção e o projeto editorial coordenados por ele. A *Letra e Imagem* ainda editava jornais e revistas, como, por

exemplo, o jornal da Associação dos Docentes da UFRJ. O fotógrafo André Papi não se contentava só com o *clac* da sua câmera. Batalhava tentando viabilizar novos projetos editoriais. Os Papi, de certa forma, são todos ligados à arte de fazer livros, herança do pai, que foi proprietário de uma gráfica.

As inúmeras fotos que ele tirava do pessoal da redação estão guardadas por mim num álbum de capa de couro vermelho. Ainda não chegou a hora de abri-lo. Dói demais. André Luís Papi deixa viúva Ísis e três filhos menores.

# Uma arte em busca de status

**A fotografia invade museus, galerias e vira livro mas os fotógrafos brasileiros continuam tímidos**

Ivan Lima



Diz a lenda que ser artista, por aqui, é difícil. Se ser artista é difícil, ser fotógrafo então nem se fala. Costuma ser uma corrida de obstáculos: somos coadjuvantes na imprensa, sem qualificação na publicidade e “violeta” na arte (aquela cor com a qual os colecionadores nunca se acostumam).

Cartier-Bresson, o Van Gogh da fotografia, facilitou a nossa entrada nos museus e galerias. Hoje, um Walter Firmo tem a respeitabilidade de uma Fayga ou de um Áquila. Apenas sua obra não é vendida em dólares. Mesmo na França de Bresson, as chances de consagração são recentes. O *Mois de la photo*, festival que invade Paris, nasceu há dez anos. É de lá para cá que a fotografia virou arte consagrada.

Aqui, a pergunta que mais respondo é sobre o que seria fotografia de arte. Cuidadosamente digo que a fotografia se inicia como documento: é preciso ter algo na frente da câmera para ela existir. Só quando isso perde a importância é que a fotografia pode ser considerada arte.

Mas, deixando de lado conceitos precisos, posso afirmar que Nair Benedicto é uma fotógrafa de arte. Miguel Rio Branco e Juca Martins também. Assim como Cristiano Mascaro e Walter Carvalho, Américo Vermelho e Cassio Vasconcellos. E também João Urban, Rogério Reis, Evandro Teixeira, Luís Humberto, João Ripper, Garrido, Cláudia Jaguaribe, Rochelli Costi, Rosângela Renó, Cláudio Feijó, Iatã Cannabrava, Wladimir Fontes, Mario Espinosa e Louis Jay, Pappalardo, Alair Gomes e Ricardo Campos. E também Felizardo, Leopoldo Plentz, Luiz Braga, Chikaoka, José Albano, Sagesse, TDC e a Jacqueline Jonner. E também o Flávio Damm, que conviveu de perto com José Medeiros, o nosso mestre maior.

Citei apenas alguns nomes e nem todos são assim tão conhecidos. Nós vivemos do trabalho diário, alimentados pelas exposições, pelas nossas fotografias-símbolos, essas sim, obras de arte. São elas que entram nos museus, invadem galerias, fazem livros. Muitos querem descobrir a nossa mágica, mas ela é composta de muito suor, muito corre-corre, muito trabalho e um permanente desprezo pelos preconceitos. E já temos o nosso festival, ocupando os espaços nobres dos museus, levando a reboque oficinas, cursos, aulas, faculdades. Nossa arte é para ser repassada. Porém, quero ser fotógrafo e não consigo. Talvez porque fotógrafo eu já fui e agora talvez a minha missão seja outra.

□ Ivan Lima fotografa há 12 anos e pinta há três. Coordena há três anos o projeto Foto Riografia — Festival de fotografia no Rio de Janeiro, que acontecerá ainda em agosto no MAM.

# Tristes desgraças do libertarismo

**Está se generalizando a idéia de que a marginalidade tem a aura da revolta social**

Alba Zaluar



Um dos problemas da atual situação no Brasil é que vivemos imaginariamente no terreno dos opostos. Ordem e desordem, paz e violência, racionalidade e desejo formam os pares de oposição que separam os defensores da ordem a qualquer custo dos torcedores da desordem como sinônimo de liberdade. Para os primeiros, que aderem ao Leviatã ou ao despotismo, o medo do caos é a motivação psicológica do apoio irrestrito à ordem. Para os segundos, a saída para a ordem autoritária e injusta viria das manifestações descontroladas, individuais, explosivas da violência urbana. Estas são festejadas porque supostamente representam oposição à repressão, ao autoritarismo, ao "sistema", enfim, em nome de um libertarismo mal definido e inconseqüente. Entra em cena o indivíduo como palco de desejos e paixões que não deve ser restringido no uso de sua liberdade. Abandona-se a igualdade e a fraternidade pelo caminho, nessa exaltação interminável da liberdade. Qualquer manifestação desta, especialmente se vem de baixo, é interpretada como sintoma de uma capacidade ativa e criativa, até mesmo participativa, dos dominados. Um mau uso do relativismo cultural e uma concepção equivocada do conceito de cultura servem para redefinir, por meio de sofismas, as ações de roubar, matar etc.

A economia informal, por exemplo, é apresentada indiscriminadamente como sinal de resistência ao mundo disciplinar do trabalho, ao mesmo tempo em que se torna alternativa para o capitalismo oficial das grandes corporações nacionais e internacionais. Neste pacote entra tudo, sem se analisar as passagens do formal para o informal, do lícito para o ilícito que acontecem em todos os setores da economia. A atual cultura viril da rua é comparada com a dos tempos heróicos da capoeira, da boemia, da malandragem,

Alba Zaluar é antropóloga e professora da Unicamp. Autora de vários textos, entre eles *A máquina e a revolta*, há anos dedica-se ao estudo da violência urbana e da política social para a juventude. Atualmente prepara três livros sobre o assunto

sem se compreender como ela foi profundamente modificada pelo crime organizado. O banditismo, a que se nega esse caráter, passa a ser visto, nesta perspectiva, como revolta de jovens oriundos das classes populares, no modelo da carência absoluta. Por um deslizamento semântico, a imagem do menino de rua faminto que rouba para comer torna-se o modelo explicativo do pandemônio instalado na cidade. Nada mais enganador. Em primeiro lugar, os crimes da fome não são considerados crimes neste país, não são punidos legalmente, portanto, em segundo lugar, essa ação se passa em supermercados e lojas comerciais, de onde são furtados comestíveis. Mas os furtos de automóveis, de rádio e toca-fitas, dos eletrodomésticos, das jóias, dos dólares que acontecem em toda parte, estes têm outras razões. Se tais objetos não são roubados para CONSUMO PRÓPRIO, então entram na circulação de mercadorias, característica do mundo capitalista. Seguem os canis não-oficiais, clandestinos, vistos romanticamente como opostos ao "sistema", mas servindo ao mesmo demônio da acumulação infundável e da obtenção de lucro desmesurado. Uma espécie de acumulação primitiva contemporânea que exerce as mesmas funções da pirataria nos primórdios do capitalismo comercial europeu, mas que convive com as grandes organizações que hoje fazem parte da cultura capitalista monopolista. A riqueza, neste processo, muda de mãos e é apropriada por outros agentes, que não têm nem a legitimidade social do empreendedor, do que acredita nas inovações tecnológicas e organizacionais.

Várias conseqüências podem decorrer desse raciocínio inicial:

1. O esquema formal/informal, em que o segundo termo é interpretado como alternativa ao capitalismo empresarial oficial, dominante, explorador e opressivo, tem que ser repensado. No setor informal, hoje, atividades empresariais altamente organizadas e ilícitas se valem do clima geral do vale-tudo e pode qualquer coisa. Para se ter uma pequena idéia do que acontece, invasões de terreno e construção de casas e prédios nas favelas são implementadas por donos de imobiliárias que já enriqueceram com a revenda e o aluguel destes imóveis irregulares. Mesmo nos conjuntos habitacionais da *Cehab*, espertos e empreendedores líderes de invasões ocupam os espaços públicos das praças e ruas para fazer birosacas, bares e estacionamento! Nas ruas da cidade, ocupadas por camelôs, objetos roubados de caminhões, de residências e de passantes, objetos contrabandeados são ven-



A 'vítima' da sociedade mobiliza a má consciência dos que não estão abaixo do nível de pobreza

didos tranquilamente. Na atividade altamente rendosa do tráfico, poucas grandes organizações com vínculos internacionais, inclusive a Falange Vermelha, comandam o atacado e o varejo da comercialização desse tão valorizado bem. No varejo, pequenos traficantes (os únicos que são presos e identificados) realizam lucros extraordinários: com a venda de apenas 200 gramas de cocaína pagam um quilo ao "matuto" ou intermediário que a deixou em consignação. Dos 500% de lucro, a metade vai para o dono da boca, 30% para o gerente e 20% para o "vapor". Entender como o ilícito e o ilegal se enraizaram no setor informal para comandar um exército de empregados e sócios menores é um dos desafios atuais da pesquisa social.

2. O modelo da explicação da criminalidade prevalente até agora é que se tinha um "cobrador" da dívida social que iria propiciar a redistribuição da renda tão perversamente acumulada nesse país. O modelo Robin Hood, que rouba dos pobres para dar aos ricos, é o que ainda

excita a imaginação dos que se indignam com a iniquidade do sistema brasileiro. Só que estudos recentes mostram a muita pouca probabilidade de ter existido tal personagem na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Então, afirmam (1), eram os pobres e remediados as principais vítimas dos bandoleiros e ladrões, cujas quadrilhas eram chefiadas por cavaleiros e escudeiros, membro da pequena nobreza, proprietários de terra. No Brasil de hoje, essa improbabilidade é ainda maior. Se não há dúvida de que jovens e crianças pobres estão sendo usados nessas organizações criminosas para efetuarem os atos mais visíveis e arriscados, não são eles os que enriquecem com o crime. Os objetos roubados — que deixam de ser valores de uso para tornarem-se de novo valores de troca — passam por muitas mãos: dos assaltantes e ladrões eventuais ou "caixa baixa" para as quadrilhas bem armadas ou os policiais corruptos que também "tomam" dos primeiros ladrões, e finalmente para os receptores que pagam pouco por eles e os revendem a preços de mercado. A proliferação de feiras (Acari, Rocinha), de mercados de camelôs que vendem produtos roubados e contrabandeados, e de lojas de compra de ouro é apenas uma das faces mais visíveis dessa comercialização clandestina que chega à luz das ruas, mas continua impune. Na verdade temos, então, um processo inverso: ao invés de redistribuição de riquezas, acumulação de riquezas, não conseguidas à custa do esforço do trabalho e do avanço técnico, nas mãos de poucas pessoas que

O 'jovem revoltado' não se identifica com os pobres. O que ele quer é ser rico, e seu consumo passa a ser uma cópia orgiástica do luxo



*Who's to blame for this - what are the underlying causes?* A 'robauto' em Acari, acumulação de riquezas sem o esforço do trabalho

continuam fazendo fortuna em cima da violência cotidiana de nossos dias.

3. A figura do jovem revoltado tem que ser reexaminada. Ele não se identifica com os pobres, não tem suas lealdades principais com vizinhos, parentes ou até mesmo sua família. Após a gradual conversão aos valores da violência e da nova organização criminosa que se monta sobre o uso constante da arma de fogo, esse jovem descobre os prazeres da vida de rico e com este se identifica. O seu consumo passa a ser uma cópia exagerada, orgiástica do que entendem ser o luxo do rico: muita roupa, carros, mulheres, uísque (bebida de "bacana"), e muita cocaína ("coisa de gente fina"). É isso que é pago com o dinheiro obtido nos assaltos, furtos, seqüestros, vendas de drogas etc. A "vítima" da sociedade, nesse modelo da culpa que mobiliza a má consciência dos que não estão abaixo do nível da pobreza, é um atento e feroz consumidor que despreza o trabalho e todos os "otários" que optaram por ele, e que tem uma grande admiração pelo estilo de vida dos milionários, pelo poder da "grana" que consegue tudo. A visibilidade do estilo de vida dos ricos no Rio de Janeiro é uma consequência de seu caráter de cidade corte de consumo conspícuo e luxuoso, altamente dramatizado para o público, o que permanece na apropriação feita pela mídia, em especial a televisão. No entanto, é um iludido: com o ganhar fácil porque seu consumo orgiástico e excessivo o deixa sempre de bolso vazio a repetir compulsivamente o ato criminoso; com o poder da arma-de-fogo que o deixa viver por instantes um poder absoluto sobre suas vítimas, mas que acaba colocando-o na mesma posição diante dos quadrilheiros e policiais mais armados do que ele; com a possibilidade, enfim, de que, apesar de jovem preto e pobre, vai "se dar bem" e sair dessa vida de perigos e medos. Na verdade, a quase totalidade desses jovens ou morre

muito cedo ou é preso e passa a viver os horrores do sistema prisional brasileiro. Pouquíssimos conseguem se estabelecer, mas todos contribuem para enriquecer outros personagens que continuam nas sombras e que são os principais beneficiários das cifras da criminalidade: a cifra branca (dos delitos conhecidos) e a cifra negra (dos que nem chegam ao registro policial).

4. Nada sabemos sobre estes personagens que lucram com o crime: quem são, onde vivem, como efetuam seus contatos no submundo e como realizam seu projeto de ascensão social. As fortunas brasileiras transitam com muita desenvoltura dos atos lícitos para os ilícitos e vice-versa em todos os setores: o formal e o informal, garantidos pela impunidade. Estão ao abrigo da nossa curiosidade policial e científica, pois só muito recentemente começaram a entrar nas teorias da criminalidade. Mas o fio das taxas crescentes de criminalidade deve ser puxado a partir daí.

5. O estado das coisas que caracterizava o capitalismo brasileiro, tardio, pós-ético, pós-moderno, pós-sociedade do trabalho, em que os efeitos do consumismo e do hedonismo já minaram valores

sociais agregadores, tem ainda por cima um aspecto que considero igualmente crucial. É que, enquanto nos países do Primeiro Mundo a cultura do capitalismo baseou-se em dois mecanismos - a moeda e a lei -, aqui ficamos reduzidos quase que exclusivamente à primeira. A moeda, a "grana" o "vil metal" domina a cena e movimenta-se no palco iluminado das dramatizações públicas livremente, sem grandes constrangimentos e contenções. Na Inglaterra, desde os primórdios do capitalismo, os dois pilares da justiça e da economia serviam de suporte e de limite um ao outro, tornando desnecessário o uso da força e da violência. Mecanismos informais de resolver litígios eram usados comumente e reconhecidos legalmente, isto é, advogados e juizes participavam junto da população para ajudá-la a resolver seus conflitos cotidianos, sem anular sua moralidade e incorporando o direito consuetudinário à jurisprudência e aos complexos códigos ingleses. A lei, nas democracias constitucionais, limita os abusos do mercado e do poder governamental.

Em países em que a lei, em vez de impor limites à "grana", deixa-se seduzir por ela, o acúmulo de riquezas e dos instrumentos de violência são fundamentais para capacitar as pessoas na resolução de conflitos. Pois, se a Justiça não funciona, as armas de fogo são extremamente eficazes na destruição de desafetos e rivais, para o domínio das vítimas, para amedrontar possíveis testemunhas e criar respeito entre comparsas e policiais, garantindo assim a impunidade. Legalizar significa instaurar alguns controles no que parece ter fugido a qualquer um, bem como constituir canais próprios de negociação de conflitos.

(1) Macfarlane, Allan, *A Cultura do Capitalismo*, Jorge Zahar Editor, 1989.

Nas ruas das cidades,  
ocupadas por camelôs,  
objetos roubados de  
caminhões, de  
residências e de  
passantes são vendidos  
tranqüilamente